

O OLHAR DO SUJEITO NA ESCRITA DO OUTRO

Carlos Eduardo do Prado (UERJ/UFF)

Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF)

RESUMO: A obra *Morte no paraíso - A tragédia de Stefan Zweig* (2012), do escritor, biógrafo e jornalista Alberto Dines é uma narrativa biográfica sobre o escritor alemão Stefan Zweig. Humanista apaixonado, pacifista militante durante a ascensão do autoritarismo e intolerância contra os judeus na Europa, Zweig teve sua obra queimada e proibida durante o nazismo. Um dos escritores mais famosos na primeira metade do século XX inicia sua peregrinação pelo mundo a partir de 1934. Sua primeira passagem pelo Brasil deu-se em 1936, a convite do presidente Getúlio Vargas. Zweig, que visitou o Rio de Janeiro e São Paulo, tão encantado ficou com o país, que prometeu retornar.

Ele chegará definitivamente ao Brasil em 1941 e fará de Petrópolis a sua última morada.

Através do livro de Alberto Dines, Stefan Zweig se revela a cada capítulo e com o avançar da leitura, vamos descobrindo as facetas do escritor sensível, do historiador experimentado, do ser humano perplexo diante das atrocidades cometidas pela sua nação. Mergulhamos nos sentimentos mais obscuros e no brilho frágil de Stefan Zweig, que convive até seu último dia de vida, atormentado e tentando fugir dos seus fantasmas.

Descobrimos que a vida de Zweig é um jogo de esconde-esconde e neste jogo literário, o escritor alemão recorre aos testemunhos dos narradores na ficção. Na vida real, acaba servindo-se dos biografados como forma de afirmar o que não ousa. Chega-se à conclusão que, em ambos os casos, ele nunca usa a própria voz.

Na arte de manejar e orquestrar as palavras, os personagens ganham vida. As biografias escritas por Zweig são inesquecíveis perfis psicológicos de personagens históricos e escritores, entre as quais, grandes personagens da História – como Maria Antonieta- e da Literatura – como Honoré de Balzac.

Palavras-chave: Stefan Zweig. Biografia. Balzac.

O Sol brilhava intensamente. Ao voltar para casa, vi de repente diante de mim a minha própria sombra, assim como via a sombra da outra guerra atrás da atual. Durante todo esse tempo, essa sombra não saiu mais do meu lado, ela envolveu cada um dos meus pensamentos, de dia e de noite; talvez seus contornos escuros também estejam em algumas folhas deste livro. Mas toda sombra é, em última análise, também filha da luz. E só quem conheceu claridade e trevas, guerra e paz, ascensão e decadência viveu de fato. (ZWEIG, 2014, p.385).

O livro *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* (2012), do escritor, biógrafo e jornalista Alberto Dines é uma narrativa biográfica sobre o escritor austríaco Stefan Zweig. Um dos escritores mais famosos na primeira metade do século XX inicia sua peregrinação pelo mundo a partir de 1934. Sua primeira passagem pelo Brasil deu-se em 1936, a convite do então presidente Getúlio Vargas. Zweig, que visitou o Rio de Janeiro e São Paulo, tão encantado ficou com o país, que prometeu retornar.

Ao biografar Zweig, Dines escreveu um livro de 718 páginas, no qual o desafio foi imenso, pois a criação de uma biografia de um biógrafo só poderia ser completamente realizada com o jogo de espelhos e lentes, relacionando fatos singulares da vida do biografado à escrita, criando no leitor uma imediata identificação com os registros reais vividos pelo biografado.

Em uma mistura de referências aos títulos de algumas obras de Stefan Zweig (*Amok*, *Histórias de paixão* de 1922, *O candelabro enterrado* 1937), Alberto Dines dedica-se em cada capítulo do seu livro a construção da figura, não necessariamente em uma ordem cronológica, do célebre escritor judeu, vítima de uma depressão profunda, agravada pelo consumo exagerado de hipnóticos que o escritor usava como autotratamento de um quadro crônico de insônia. O leitor é convidado a montar este imenso quebra-cabeça chamado Stefan Zweig.

No primeiro capítulo, Dines escreve sobre o momento mais glorioso da vida do autor austríaco. Autor de *Amok*, seu grande sucesso mundial, Zweig, a caminho do Brasil, é reconhecido como celebridade a bordo do *RMS Alcântara*, que aportaria no dia 21 de agosto de 1936, no porto do Rio de Janeiro, Praça Mauá. Com seus 53 anos, ele é o que podemos chamar de homem bem-sucedido. Elegante, extremamente polido, ar delicado e melancólico, ao desembarcar do navio, é rodeado por inúmeros repórteres e fotógrafos.

Com o mundo mergulhado no caos, a viagem à América do Sul é um sonho, sonho antigo (iniciado em 1928), concretizado somente agora. A convite do governo brasileiro, sente-se feliz por ter abandonado a incerteza e a loucura que estava passando à Europa. Com todas as pompas merecidas, hospeda-se no Copacabana Palace. Tratamento especial ao famoso judeu, já seus compatriotas menos favorecidos são recebidos com menos galas e muitos são recambiados ao seu local de origem. O nazismo ecoa em terras brasileiras, impedindo que vários imigrantes possam entrar no país. Apesar de tudo, ele ainda se sente seguro.

Sua neutralidade política tem razões políticas. Hóspede do governo, não pode se pronunciar sobre os regimes ou países com que o Brasil mantém ótimas relações, no caso com a Alemanha. O grande escritor austríaco aclamado aqui no Brasil teve, até 1935, seus livros banidos e queimados em praça pública em Berlim.

No Brasil, ainda não é de conhecimento público, que a sua parceria como libretista na ópera *A mulher silenciosa* de Strauss, compositor alemão contemporâneo, admirado por Hitler e Goebbels, lhe causou alguns problemas com a Gestapo, dentre eles, a interceptação de sua correspondência a Strauss.

De volta a Londres, tenta retomar a rotina. Londres já era sua casa desde outubro de 1933. Ainda era casado com Friderike, sua primeira esposa.

Tudo em vão, o mundo já não é o mesmo. Ele já não é mais o mesmo. Precisa retomar o trabalho.

O escritor mais aclamado da época foge. Não foge de ninguém, não é um refugiado, pois ninguém o persegue. É austríaco, é apátrida. A Áustria não é mais nacionalidade. Foge do seu pior inimigo, foge dos seus fantasmas, foge do presente que se mostra extremamente cruel aos que são iguais a ele.

Com o início da Guerra, com a Europa tomada e a perseguição aos judeus cada dia mais violenta, Zweig retorna ao Brasil em 1940, ficando aqui quase seis meses, coletando material para seu livro *Brasil, um país do futuro*, que ele iria concluir em 1941, nos EUA.

Em 1941, abandona definitivamente a Europa, passando por Nova York e, após a obtenção de um visto brasileiro definitivo, passa a viver em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro. Ironia do destino ou não, o escritor exilado e sua atual esposa Lotte encontram uma casa na rua Gonçalves Dias, rua que possui o nome do escritor do poema “Canção do Exílio”. Coincidências à parte, o exilado Stefan Zweig ainda tentava definir o seu “lá, o seu cá, e o seu estar aqui”. Tudo está muito confuso. Deixou tudo para trás. Não possuía mais casa, pertences e nem pátria. Petrópolis será sua última morada.

Através da escrita de Dines, desvelam-se pouco a pouco as diferentes facetas deste incrível escritor. Sua biografia é um jogo de esconde-esconde. Lança mão dos seus biografados para falar daquilo que não ousa falar na via real. Certeza absoluta é que, em ambos os casos, Zweig não usa a sua própria voz, nem na realidade, nem na ficção.

Em uma tentativa parecida com seu biografado Balzac, tentou enquadrar seus personagens e uma galeria de tipos. Com as imagens fornecidas pelo tempo, Zweig criou as legendas dos seus personagens e de si mesmo, revelou o seu ser, pois, segundo suas palavras, “um homem se revela somente quando cria”, seu lema de vida e refúgio nas horas mais críticas.

Escritor de grande sucesso na Alemanha e na Áustria, Stefan Zweig foi obrigado a abandonar Viena e exilar-se - o que provocou no escritor a sensação de um não pertencimento a nenhum lugar.

Em seu livro de memórias Zweig escreve:

[...] Cresci em Viena, a metrópole supranacional de dois mil anos, e tive que deixá-la como um criminoso, antes de ser rebaixada a uma cidade provincial alemã. O meu trabalho literário foi incinerado na língua em que o escrevi, no mesmo país onde meus livros ganharam como amigos milhões de leitores. Assim, não pertencço a lugar algum, em toda parte sou estrangeiro ou, na melhor das hipóteses, hóspede; a própria pátria que o meu coração elegeu para si, a Europa, perdeu-se para mim, desde que se autodilacera pela segunda vez numa guerra fratricida. Contra a minha vontade eu me tornei testemunha da mais terrível derrota da razão e domais selvagem triunfo da brutalidade dentro da crônica dos tempos: nunca- eu não registro isso de maneira alguma com orgulho, mas sim com vergonha- uma geração sobre tamanho retrocesso moral, vindo de uma tal altura intelectual como a nossa. (ZWEIG 2014, p. 14)

Extremamente ressentido com o mundo, o estrangeiro ou hóspede, como ele mesmo se intitula, escreveu grandes contos e romances psicológicos, livros de conteúdo histórico, ensaios e diversas biografias, com o perfil psicológico de alguns personagens conhecidos na história e também de escritores, como: Maria Antonieta, Maria Stuart, Magalhães, Erasmo de Rotterdam, Balzac, Dickens, Dostoievski.

Com sua escrita, realçou o trágico da vida desses personagens, pois, ao desprezar o lado material do lucro ou da glória, ele apenas se preocupou com o fundo moral dos temas apresentados em suas biografias.

Ainda em sua obra, percebe-se a influência das leituras da obra de Freud, com o qual manteve uma longa relação epistolar e também de amizade. Freud afirmava que Zweig, mesmo sem conhecer as técnicas psicanalíticas, as utilizava literariamente de forma perfeita.

Em sua *Autobiografia: o mundo de ontem*, Zweig mostra a dualidade dilacerante de um homem que viveu as duas maiores guerras do mundo. Ele se descreve como quem conheceu a liberdade individual em grau e formas mais elevados, logo depois, em seus níveis mais baixos. De autor celebrado, passou ao desprezo de um sistema que não o reconhecia mais. Revolução, fome, inflação, terror, foram peças fundamentais para o crescimento das grandes ideologias de massa e de sua disseminação na Europa. A fuga e o exílio tornaram-se seus companheiros. Estrangeiro sentia-se, o mundo não o entendia, ou ele não compreendia mais o mundo. A violência o atingiu, o vazio nele ficou.

Neste entre guerras, Zweig passa a publicar os seus livros traduzidos em outras línguas, como o francês. Arrasado em decorrência do panorama mundial, no seu íntimo torna-se cada vez mais vítima da depressão que o perseguia há tempos. Dines defende esta hipótese e afirma que, mesmo ciente, Stefan Zweig recusava a iniciar tratamento específico para a sua enfermidade. Ainda conforme o jornalista, dias antes de se matar, o escritor austríaco explicou a vários amigos, do Rio de Janeiro, que o motivo do seu abatimento era que ele estava tomado por um estado de melancolia.

Melancólico e pessimista, não encontrava mais tranquilidade nesta vida. Suas obras foram tecidas com os fios da tristeza, do sofrimento, ora transformados em pequenos momentos de alegria e de superficial tranquilidade.

Como em um jogo de espelhos, biografado/biógrafo possuem muitas características em comum. Se Balzac passou sua vida toda a correr dos credores, Zweig não encontrou seu lugar no mundo. Sempre se sentindo estranho diante das atrocidades cometidas pelos seus compatriotas, a vida de eterno exilado tornou-se realidade. Aos dois, pode-se dizer que os momentos mais críticos foram os mais férteis para a produção de grandes obras e a partir das mãos de cada um, uma época foi eternizada.

Ao analisar a biografia escrita sobre Balzac por Stefan Zweig, pude perceber relação entre biografia e biografado e sua conexão com a vida retratada, bem como o espaço ficcional e seus conflitos existenciais.

É a partir dos elementos do mundo de Balzac, que surgirá, em 1950, o romance biográfico *Balzac – le roman de sa vie*, no qual Stefan Zweig não apenas escreve uma biografia, mas devido ao seu magistral talento como escritor e biógrafo, nos apresenta uma apaixonada evocação do mito Balzac.

Escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender, segundo DOSSE (2015).

Em momentos de extrema tensão ou mesmo de crise, a situação narrativa reflete, ou não, a busca pelo autor/personagem, da sua imagem perdida frente ao espelho, frente à vida?

A biografia, a meu ver, não deve ser considerada como simples reflexo do real, mas como um vazio a ser preenchido pela pena do autor/personagem. O tempo vivido, agora biografado, permite que os personagens se liberem dos limites impostos pelo real.

Zweig atua como elo entre o universo ficcional e o real e suas contribuições, possíveis intervenções e distorções são de extrema importância para a construção narrativa biográfica, pois será ele o responsável pelo trânsito entre estes dois universos.

Desta forma, é inevitável que o escritor utilize o recurso ficcional no trabalho biográfico, visto que não se pode reconstituir fielmente a riqueza e todo o processo complexo da vida real.

Ao biógrafo é dado o poder de preenchimento das lacunas documentais, como também dos lapsos temporais presentes na unidade narrativa da vida de um personagem.

Ao romancista, quando lhe falta fontes para a construção da sua obra, ele pode se valer da fantasia. Quanto ao biógrafo, na tentativa de manter-se o mais fiel e possível da vida verdadeira do seu personagem, ele está fadado a percorrer um caminho mais difícil. Um caminho que mantém, lado a lado, a ciência e as maravilhas da arte, a verdade sensível do romance e as mentiras eruditas da história, conforme LEJEUNE (1975)

A Stefan Zweig, biógrafo e romancista, são dadas as duas ferramentas de criação. Da sua pluma, fatos viram *estória*. Nela, o passado é eternizado e o que é real e fictício se confundem.

Assim, o gênero biográfico é marcado por uma existência dentro de um mar revolto, conforme observamos as palavras do biógrafo americano, Paul Murray Kendall:

A definição exclui as obras situadas nos dois extremos do espectro biográfico: a biografia “romanceada” simula a vida, mas não respeita o material de que ela dispõe, enquanto a biografia recheada de fatos, saída da escola tagarela da erudição-compilação, adora o material, mas não simula com ela uma vida. Entre ambas se estende o artesanato impossível da biografia verdadeira. (KENDALL, 1965 apud DOSSE, 2015, p.60)

Pode-se concluir, então, que o gênero biográfico transita entre *mimesis* e vidas imaginárias, misturando erudição, criatividade literária e intuição psicológica. O envolvimento do biógrafo com o personagem biografado torna-se visceral.

Antes do século XIX, em relação ao gênero biográfico, os campos da ciência e da arte ainda não eram bem delimitados. Será neste século, que acontecerá a clara divisão entre história/ciência- literatura/arte. Historiadores, homens da ciência histórica, devem afirmar sua cientificidade a partir do modelo das ciências físicas e naturais e, opta-se em banir a dimensão literária do discurso histórico (TEMÍSTOCLES, 1996).

Com isso, dois polos surgem, um, no qual os historiadores, ao descreverem e/ou explicarem o passado, deveriam fazê-lo de maneira racional e objetiva, e outro, no qual os homens das letras reinventariam os fatos de acordo com a sua imaginação e subjetividade.

Desta forma, com a delimitação das fronteiras entre ciência e arte, com a cisão entre a biografia e a história, passa a biografia a ser prestigiada pela literatura.

A partir deste momento, conforme (SCHMIDT, 1999) os livros que tratassem o passado seriam questionados sobre a sua historicidade ou ficcionalidade. Aos que ousaram tentar cruzar esta fronteira imposta entre a ciência e a arte, foram considerados pouco sérios. Porém, ainda hoje, “contudo assistimos cada vez mais a uma série de redefinições e deslocamentos fronteiriços: o mais notável, sem dúvida é aquele que reaproxima história e literatura”.

Ainda segundo o mesmo autor, nos últimos anos, alguns historiadores procuraram examinar as diferentes facetas dos personagens e não apenas os feitos notáveis deles, promovendo o aparecimento em seus textos de outros elementos, como os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada e o cotidiano.

Por sua vez, na literatura, com maior liberdade para deixar agir a imaginação, a exaltação do indivíduo ocorre de maneira mais categórica na qual o mundo retratado é comandado por um conjunto infinito de possibilidades. A subjetividade dos personagens e a quebra da linearidade do tempo criam e recriam as trajetórias individuais destes indivíduos biografados.

Qualquer escolha mais rígida, na busca de uma verdade social ou psicológica no relato de vida, acarretaria no empobrecimento da narrativa, tirando dela toda a magia da literatura.

Balzac - le roman de sa vie, fruto de mais de uma década de pesquisa e análise de documentos, é uma biografia viva e com uma fluidez em sua construção. Publicado

postumamente pela primeira vez em 1950, pela editora Albin Michel, é reeditado pela mesma em 1990. Em 1996, chega às livrarias uma última edição no formato Livre de Poche.

Neste romance biográfico, as datas que aparecem são dados em segundo plano, pois à medida que a narrativa se desenrola, o leitor é convidado a conhecer as partes mais importantes da vida de Balzac. Este processo se desenvolve através de eixos temáticos divididos em cinco livros, que retratam desde a sua juventude e suas primeiras aventuras no mundo do romance, como as suas paixões por mulheres importantes, pela vida dos nobres e por Napoleão.

Além disso, o escritor gênio, capaz de se comportar como uma máquina de produzir livros escrevia para sobreviver e vendia suas obras para manter uma vida regada de luxo, aspirações e ilusões. Nenhum problema ou dívida foram capazes de apagar ou macular a genialidade de Balzac. Ao contrário, são os momentos de crise ou de tensão que impulsionaram cada vez mais o poder de criação deste eterno *ser em trânsito*, que pulava de casa em casa, escondendo-se dos cobradores de Paris.

É no final da sua vida, com a maturidade pessoal e artística, que Balzac encontrará a mulher da sua vida.

Madame de Hanska, nobre polonesa, fã apaixonada pela sua obra, será a pessoa que proporcionará ao escritor a tão sonhada riqueza e tranquilidade. *Une femme et une fortune!*

Tranquilidade efêmera. Na madrugada do dia 18 de agosto de 1850, ao lado apenas da sua mãe que teve um papel contraditória na sua vida, Balzac dá o seu último suspiro.

Ignorado em vida por quase todos os colegas escritores, dentre eles, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Sainte-Beuve, seu corpo foi conduzido pelos mesmos até o cemitério Père-Lachaise.

Vida e obra se confundem. Autor e personagem se encontram. Agora, do alto do Père-Lachaise, da mesma maneira que Rastignac, herói de seus romances, Balzac irá conquistar Paris.

Finalmente, gostaria de ressaltar algumas as semelhanças entre Balzac – Zweig, Os dois apresentam algumas semelhanças, principalmente quando falamos do objetivo de vida de cada um, ou seja, os dois consagraram sua vida à sua obra literária. A escrita para ambos é um dever, algo de muita força e paixão, que eu ousaria chamar de demoníaca e hercúlea.

No que diz respeito à admiração, Balzac representaria um modelo ideal a ser seguido por Stefan Zweig, modelo que ele irá chamar de “método Balzac”. Neste método, de maneira semelhante a um químico, o autor analisa e decompõe os fatos, criando de maneira científica uma realidade, antes de finalmente recriar o mundo a partir daquilo que foi observado por ele.

Outra característica deste método é a retirada do real aquilo que efetivamente é importante, comprimindo-o e potencializando as suas características, direcionando seus esforços para chegar à essência das coisas. Seus personagens fictícios são paradoxalmente mais do que reais, pois eles ultrapassam esta característica, beirando quase o absoluto.

Ao lançar mão da valorização do espaço entre a vida e a obra dos seus biografados, na tentativa dialógica que mistura a factualidade e a ficcionalização do sujeito biografado, Stefan Zweig, segundo François Dosse, nos serve de guia para a valorização desse espaço entre a vida e a obra, numa mescla tal que as duas dimensões acabam por se confundir, e desta forma, produz um retrato capaz de traduzir a força titânica de Balzac.

Referências

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DOSSE, François. *O desafio biográfico – Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP. 2015.

KENDAL, Paul Murray. *The Art of Biography*, London, George Allen and Unwin LTD, 1965, p.XII in: François Dosse. *O desafio biográfico – Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP., 2015, p.60.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*, Le Seuil, 1975.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura*, 1999. In: Margareth Rago (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. 2 ed..Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014.

TEMÍSTOCLES, Cezar. “*Considerações acerca do estatuto do texto histórico*”
História em Revista. Pelotas: Núcleo de documentação Histórica/UFPel, n.2,1996, p.31.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Tradução
Kristina Michahelles. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. *Balzac - le roman de sa vie*. Tradução Fernand Delmas. Paris : Albin
Michel, 1950.